

Prestadoras de serviço do sagrado: as prostitutas de romaria na festa da Santa Cruz dos Milagres, em Santa Cruz dos Milagres-PI¹

Jucilaine Maria de Carvalho – PPGANT/UFPI

Resumo

A presença da prostituta em contextos de festas de santos associados à romaria remete há tempos antigos. Em Santa Cruz dos Milagres, cidade do interior do Piauí, os “cabarés”, fazem parte dos ciclos festivos que acontece na cidade em homenagem a santa padroeira Santa Cruz dos Milagres, principalmente na festa de Exaltação da Santa Cruz, em que se festeja Santa durante dez dias, no mês de setembro. Neste período, o comércio é vivido e efervescente. A presença de prostitutas também é parte do cenário da festa, com intuito de fornecer seus serviços aos romeiros, assim como camelôs, fotógrafos e vendedores de diversos tipos de serviços e mercadorias. O presente trabalho pretende analisar a presença da prostituta no contexto da festa de santo associado a romaria na cidade de Santa Cruz dos Milagres, focalizando nas relações estabelecidas entre romeiro, igreja, prefeitura e bordeis. A prostituição em um contexto de festas de santo associado à romaria é tida como práticas subversoras da ordem, por ameaçar os valores e moral da ética religiosa, implantando o caos em um espaço considerado sagrado. Dessa forma, buscou-se entender como se dá a aceitação das prostitutas no contexto de festa de santo associado a romaria, tendo a perspectiva etnográfica como método adotado para desenvolver esta pesquisa.

Palavras-chave: Prostitutas. Romaria. Festa.

Neste artigo pretendo analisar como se dá a aceitação da prostituta no contexto da festa de santo associado a romaria, na cidade de Santa Cruz dos Milagres, Piauí. Privilegio a Festa de Exaltação da Santa Cruz² por estrutura-se numa variedade de atividades, englobando uma pletera de discursos, para falar da presença da prostituta na festa de santo associada a romaria. No período dessa festa os dias são marcados pelo o ir e vir de romeiros de vários lugares do Piauí que vão pagar suas dívidas com a Santa e festejá-la com o que a cidade tem para oferecer, desde o consumo de objetos aos mais variados serviços. No tempo da festa, o comércio na cidade é vivo e intenso oferecendo uma gama de serviços que no seu cotidiano é inexistente.

O romeiro, a igreja e os prestadores de serviços do sagrado envolto em torno da cruz formam um quadro de tensões e contradições no qual cada um coloca em movimento suas

¹ Trabalho apresentado na 30ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 03 e 06 de agosto de 2016, João Pessoa/PB.

² As reflexões aqui desenvolvidas partem do processo de construção da minha dissertação de mestrado, defendida em 2013 na Universidade Federal do Piauí (UFPI). Realizada entre 2011 e 2012, a etnografia teve como objeto descrever e analisar a relação dinâmica entre sagrado e o profano na cidade de Santa Cruz dos Milagres – PI em tempo de festa associada a romaria a partir da relação sacrificial entre o romeiro e a Santa. A abordagem privilegiou o consumo, dentro da lógica sacrificial do romeiro, como um dos elementos principais no fortalecimento do vínculo entre deuses e homens e homens e deuses na obtenção da graça. Em tal perspectiva, o mercado formado em tempo de festa e romaria, se insere como parte da rota ritual dos romeiros, em que a compra de bens e serviços são transformados em atos religiosos.

práticas e sentidos no tempo da festa. O bojo dessas tensões e contradições estão intrinsecamente relacionados a um mercado religioso efervescente e vivo em que as trocas simbólicas ultrapassam as formas de trocas reconhecidamente defendida no seio da sociedade capitalista. Nesta festa, romeiro, igreja, e prestadores de serviços defendem seus espaços a partir da visão de mundo em que estão inscritos.

A prostituta, neste contexto, pertence ao universo dos prestadores de serviços, inserida no mercado sexual. Na minha dissertação, discuto a categoria “prestadores de serviços do sagrado³”, para designar os sujeitos que vão a Santa Cruz dos Milagres durante a festa de Exaltação da Santa Cruz para prestar seus serviços, como as prostitutas, camelôs, fotógrafos, vendedores ambulantes e pedintes. Sujeitos liminares que estão a serviços dos liminares⁴, nos dias da festa da santa. Considerando a romaria como um fato social total (MAUSS, 2003), os prestadores de serviço do sagrado são bons para se pensar o campo religioso na contemporaneidade, principalmente no que concerne à venda de bens religiosos ou a presença desses como importantes na concretização de atos sacrificiais dos romeiros. A prostituta, portanto, é um agente importante na composição e lógica do campo religioso no qual o mercado se faz presente.

Neste sentido, apresento a prostituta como parte do cenário da festa associada a romaria na festa de Santa Cruz dos Milagres, sendo pensada sobre duas lógicas que emergiram dentro do contexto da festa, a partir do rito sacrificial do romeiro criado no tempo da festa, a rota do romeiro e na lógica do mercado no campo religioso. A “rota do romeiro”, se configura como espaço territorial importante construído no tempo da festa, onde cada instância geográfica compõe um lugar sacralizado pelo circuito ritual realizado pelo romeiro. Os bordeis, portanto, fazem parte desta rota ritual.

A rota do romeiro na festa da santa

Santa Cruz dos Milagres, cidade do interior do Piauí, localizada a 180 km da capital do Piauí, Teresina, possui um calendário festivo religioso considerado um dos mais importante do Estado do Piauí, como também a maior romaria do Piauí. O santuário de Santa Cruz dos Milagres possui três ciclos festivos que marcam a identidade do lugar. A primeira delas a Invenção da Santa Cruz acontece de 01 a 03 de maio; a segunda a

³ Essa categoria foi utilizada por Brandão (1986) em referência aos sujeitos que disputam o comando do sagrado como sacerdotes, feiticeiros e rezador.

⁴ Na perspectiva de Turner (1974), a discussão que ele traz no livro “Processo Ritual” sobre liminaridade.

Festa da Exaltação da Santa Cruz, ou “festejo de setembro”, na fala dos romeiros, ocorre de 05 a 14 de setembro e o último e criado mais recentemente pela igreja, o Encontro dos Santos, que geralmente acontece no último domingo de outubro.

A festa de Exaltação da Santa Cruz, a mais importante do calendário litúrgico e foco desse trabalho, insere-se na lógica dos ritos de calendário (VANGENNEP, 2011), que, entendida como acontecimento coletivo, destaca e aprofunda as trocas simbólicas entre homens e deuses. Nessa relação, segundo Brandão (1978), pode-se acrescentar que dentro do sistema de trocas de serviços existem tipos de pessoas socialmente (ou ritualmente) diferenciadas em posições – articulações diversas e interdependentes que constituem, na prática, a festa de santo. Em Santa Cruz dos Milagres, a festa de Exaltação constitui esse tempo em que o devoto celebra, venera a presença de uma entidade divina entre os homens através de peregrinações, pagamentos de promessas, consumo de objetos e serviços dos mais variados, reafirmando laços entre homens e homens e homens e divindade (MAUSS, 2005).

Esses sistemas de trocas, na festa de Exaltação é refletido a partir da rota do romeiro, trajeto obrigatório, construído no tempo da festa, que o romeiro realiza para alcançar o verdadeiro estado de graça. Nesta rota, o consumo está presente em todo seu trajeto. No campo simbólico, a rota do romeiro, liga à cruz a fonte de água milagrosa, elementos que fazem parte da origem da devoção a Santa Cruz, pautada em rica simbologia do nascimento da peregrinação em Santa Cruz dos Milagres Piauí. Além da cruz e do olho d’água, o vaqueiro, o beato e a criança fazem parte da história do surgimento da romaria em Santa Cruz dos Milagres⁵. Destaco a cruz e o olho d’água pelo valor simbólico e ritual (BITTER, 2008), presente na rota do romeiro como espaço ritual.

O trajeto entre a cruz e o olho d’água em Santa Cruz dos Milagres é cercado por um comércio de bens e serviços das mais diversas modalidades, perpassando os espaços defendidos pela igreja. O romeiro deveria chegar ao santuário, visitar a santa, descer a escadaria e se dirigir até ao olho d’água, tomar o banho purificante e retornar até a igreja pelo mesmo percurso citado onde completaria a experiência da purificação.

Entretanto, do ponto de vista cosmológico, o sagrado é ressaltado nas contradições da rota reconhecidamente profana. O romeiro recria os espaços e a maneira de experienciar sua fé de forma diferenciada do que a igreja propõe. Por outro lado, os ritos da igreja não são esquecidos, mas atrelados nessa relação com a divindade. A missa e a procissão são dois

⁵ Sobre a história do Santuário de Santa Cruz dos Milagres, ver Brandim (2007), Carvalho (2013), Mendes (s/d) e Santos (2010).

rituais de suma importância nesse processo. Na festa, a compra, o consumo, soma-se a esse universo de coisas para se alcançar a graça. O consumo é parte do sacrifício na obtenção de graça. Tanto o rito da igreja quanto o consumo de um modo geral, da trança de alho, a compra da panela, consumo de bebidas alcoólicas entram no circuito sacrificial entre homens e deuses. A rota doromeiro é também uma maneira de apresentar a rota do comércio em Santa Cruz dos Milagres, movimentando o comércio local.

A qualificação dos espaços proposta por Fernandes (1982) também faz parte do universo de Santa Cruz dos Milagres, onde no “centro” está a Santa Cruz e a periferia inclui os outros espaços ditos profanos, como o espaço do pedinte; o espaço da escadaria, que está subdividida em “pedaço do padre” ou “escadaria do padre”, e “pedaço da prefeitura” ou “escadaria da prefeitura”, onde se aglomeram os vendedores ambulantes vindos de todas as partes do Piauí e de outros estados do nordeste; o espaço dos bares, os bordéis, os clubes, o rio São Nicolau, as ruas e outros espaços ainda não nominados permeiam todo “o tempo da romaria”.

Da forma como foram expostos por Fernandes (1982) parece que esses espaços não possuem uma interconexão, no entanto, em Santa Cruz dos Milagres, parece não haver uma fronteira que os delimite, assim temos um fotógrafo que comercializa suas fotos dentro da igreja e uma igreja que comanda um trecho da escadaria onde se encontram vários vendedores ambulantes. Não encontrei essa separação tão nítida tal como aponta Fernandes (1982). Eles existem na forma como os sujeitos enunciam, porém na prática não estão diferenciados nas relações sociais construídas. Cada território é socialmente complexo e diferenciado.

A presença da prostituta em tempos de festa e romaria

A presença dos bordéis em romaria e festa de santo remete a longas datas, desde períodos medievais. Sanchis (1983) no livro “Arraial e festa de um povo”, descreve sobre a presença da prostituta nas romarias portuguesa e a possibilidades de estas pertencer a fenômenos mais antigos de licença sexual ritual.

É, portanto, possível que a prostituição nas romarias represente a corrupção de um fenômeno mais antigo de licença sexual ritual, fenômeno cuja extensão e modalidade não podem ser precisadas com a documentação de que atualmente dispomos. Eventualmente podíamos ligar este fenômeno a antigas práticas, sagrado ou mágico, mas, em todo o caso, deveríamos analisá-lo no quadro global da romaria. Enquanto festa e peregrinação popular. Será necessário explicitar como se articula com o seu núcleo essencial (SANCHIS, 1983, p.175).

No contexto de Santa Cruz dos Milagres, a prostituta está presente no desfecho de um dos elementos sagrados da história do santuário, o olho d'água. Na narrativa, o primeiro olho d'água desaparece, por encantamento, devido ao banho de uma prostituta e de um vaqueiro ter lavado seu cavalo. A profanação da água pela mulher “impura” e pelo vaqueiro ao lavar seu cavalo, no sentido encontrado em Douglas (1976) estão simbolicamente enquadrados como componentes poluentes, sujeitos perigosos que podem pôr em risco a ordem do sagrado. Romeiros “mais antigos” contam também que em um certo tempo uma “mulher da vida” foi castigada com a morte por ter bebido a água milagrosa, sendo impura, não deveria ter tido contato com a água sagrada.

Nesta narrativa percebemos como as categorias de “pureza e perigo” (DOUGLAS, 1976) são acionadas, e apresentam padrões simbólicos que são manifestados por valores morais. A prostituta, mulher suja, impura, que merece ser castigada por fugir a moral sexual imposta pela sociedade. Sousa (2016), no contexto do drama de Ací Campelo, na peça “Os Salvados⁶”, faz uma análise simbólica do fenômeno religioso e os posicionamentos dos gêneros na ritualização da romaria. Ela discute como a identidade feminina, nesta peça, aciona contradições entre o sagrado e profano, gênero, fé, dádiva. As personagens se articulam através da operação de poder que envolvem o feminino e o masculino. A prostituta Da luz, uma das romeiras, é estigmatizada e acusada de provocar o acidente do “pau de arara” que conduziam um grupo de romeiros até a “terra do santo”. Estas narrativas dialogam quando se analisa simbolicamente a presença da prostituta no espaço considerado sagrado, na festa do santo.

A prostituta, no imaginário social é considerada como subversora da ordem. Entretanto, na percepção de Balandier (1997, p.12) a “desordem pode se traduzir em ordem por meio do imaginário, do simbólico e das práticas ritualizadas”. Desordem e ordem estruturam o caos e estabilizam as relações sociais. No caso de Santa Cruz dos Milagres, a presença da prostituta é aceitável, por fazer parte da rota sacrificial do romeiro e no contexto do mercado de bens e serviços, movimentam a economia do lugar.

Outro aspecto que deve ser destacado sobre a presença da prostituta no contexto da festa de santo é a relação entre a igreja e a prática da prostituição. No livro do “Tombo

⁶ “Os salvados” é parte da coletânea de quatro peças teatrais, pertencente ao livro “Soy Louco Por Ti” (1997), estreada em 1980 na cidade de Parnaíba-PI, de Ací Campelo, Professor, Dramaturgo e Escritor maranhense, mas que foi um grande contribuinte para o teatro piauiense. Ver Sousa (2016).

I”, o Padre David Mendes⁷, ao descrever sobre o processo de organização do Santuário de Santa Cruz dos Milagres, fala da dificuldade de combater a prática do meretrício no período da festa da Exaltação⁸. A prática existe desde o início da peregrinação ao santuário. Steil (1996) coloca que sempre houve uma divergência entre igreja e a prática da prostituição. Esta incomoda, havendo, portanto, a necessidade por parte daquela de proteger o seu rebanho desse mal quase que irremediável. Enquanto ameaça aos valores e moral da ética religiosa, a prostituição, a bebedeira e o comércio de um modo geral são tidos como práticas subversoras da ordem; implantação do caos em um espaço sagrado. A igreja, juntamente com a prefeitura, teria que colocar ordem no ambiente dos cabarés, se possível, combatê-los.

Os cabarés no tempo da festa

Os bordéis foram um dos espaços que mais me chamou atenção em Santa Cruz dos milagres no período da minha pesquisa, primeiro pela naturalidade como as pessoas aceitam sua presença e segundo pela explicitude de como ele acontece. A existência desses bordéis não me surpreendeu, mas a sua relação no contexto como parte importante da romaria configurou-se como estranhamento.

O trecho da Rua São Nicolau apontado no mapa 1, é conhecido pelos moradores como “centro de cultura e lazer” “igual nas novelas”. De acordo com Reis, morador da cidade de Santa Cruz dos Milagres, a rua foi “apelidada” dessa maneira por concentrar a maioria dos cabarés da cidade em um mesmo espaço – pequeno trecho da rua São Nicolau. Na fala dele;

Esse trecho ficou conhecido como centro de cultura e lazer, como nas novelas (risos). Como os cabarés se concentram todos próximos um dos outros virou o centro dos cabarés.

O “cabaré”, como chamam os romeiros e moradores da cidade, faz parte das lembranças dos romeiros “mais antigos”. Assim como a Santa, os bordéis também repercutem na memória do lugar. Os “cabarés” de Santa Cruz são vestidos por uma espécie de camuflagem, possuem fachada de bares, vendem bebidas, comidas, um espaço de socialização no tempo da festa. Localizados em um trecho da Rua São Nicolau,

⁷ Pároco responsável pela organização do santuário de Santa Cruz dos Milagres no período de sua construção.

⁸ Sobre análise do livro do Tombo, ver Santos (2010).

próximos ao olho d'água, a maioria recebe o nome de mulheres, geralmente o nome das donas do estabelecimento: bar da Nicinha, bar da Florismar, bar da Milagres, e ainda tem uns clandestinos, improvisados, feitos de palhas, próximos ao rio São Nicolau e na própria Rua São Nicolau. O mais famoso é o Casarão e o único que apresenta uma estrutura que se aproxima da descrição de um bordel; paredes pintadas de cores vibrantes, com cortinas enfeitando o ambiente, redes próximas às mesas, apresentam dois ambientes, um compartimento mais público, o bar em si e outro mais reservado, onde estão os quartos, destinado para as conversas mais íntimas e também para preservar a “identidade” do cliente, na maioria casados.

Mapa 1 – Localização dos bordéis na Rua São Nicolau



Fonte: Elaborado a partir do mapa original do IBGE (2012).

A prefeitura, no tempo da festa, desenvolve um trabalho educativo nos bordéis, no sentido de orientar, mostrando como as “prostitutas” devem proceder com seus

clientes e como os clientes/romeiros devem proceder com as prostitutas, visando à prevenção contra doenças. Em entrevista ao secretário de saúde, percebi a preocupação a em descrever como ocorre o controle, higienização e monitoramento desses espaços.

Nós temos uma equipe aqui da secretaria de saúde, junto com a secretaria de assistência social. São quatro grupos. Cada grupo tem um agente de saúde, com fiscal da vigilância sanitária acompanhando. Nós temos trinta jovens sendo monitorados pela equipe da vigilância sanitária. Se as pessoas persistirem, fazerem algo que não esteja fora das orientações, a vigilância vai notificar para que sejam tomadas as providências nos prostíbulos que têm aí, cabaré popularmente. Com essa equipe a gente distribui a camisinha, orientando as pessoas, os rapazes que procurarem as moças, procurem fazer o sexo de forma educada, com responsabilidade e que também não pague pelo uso das camisinhas. Porque a camisinha é distribuída pelo Ministério da Saúde e não é para ser cobrada. Que elas (prostitutas) cobrem pelo trabalho delas, que é direito delas, mas não cobrar pelo o uso da camisinha em si. E como nossa equipe passa lá, orientamos até elas do risco que pode correr se elas não usarem camisinha, embora o parceiro não queira, por que tem homem que não gosta, elas estão educando também o parceiro, de dizer “olha eu não vou ficar com você correndo risco que tem”, porque a gente sabe, quem pegar HIV, tem uma doença que não tem cura até o momento⁹.

A atuação da prefeitura, não é no sentido de combater a prostituição, mas de vigília, de controle sanitário, de disciplinar. Enquanto “mulher pública”, a prostituta no contexto da festa é submetida a “vistoria” dos poderes públicos para não disseminar doenças e conseqüentemente a desordem nos locais onde ela circula.

No período da minha pesquisa de campo visitei dois bordéis “construídos” para a festa da Exaltação da Santa Cruz dos Milagres, o Casarão, existente há 40 anos, administrado por Toinha¹⁰, empresária (assim definida por ela), mais estruturado e o da Florismar, mais “simples”, abrigado em uma casa alugada só para o período da festa. A escolha dos dois foi motivada por objetivos diferentes. No Casarão, a proposta era conversar com a dona do estabelecimento para saber como administrava o espaço, preços, como contratava as moças, sobre as relações estabelecidas na cidade, empecilhos e a devoção à santa. Entretanto, no bar da Florismar, a intenção era conversar com as “meninas” que trabalhavam diretamente com os romeiros.

⁹ Entrevista concedida por Reis a Jucilaine Maria de Carvalho em 12 de setembro de 2011.

¹⁰ Conversar com a Toinha, a cafetina mais famosa da romaria de Santa Cruz dos Milagres, no início foi um tanto embaraçoso. Mas com a mediação de um informante, foi possível estabelecer um diálogo amistoso e proveitoso, deixando em aberto possível retorno para novas pesquisas.

Da conversa com Toinha, carinhosamente chamada pelos moradores e romeiros, fui informada que “nunca houve problemas” com nenhuma autoridade¹¹ em Santa Cruz dos Milagres, que sempre foi respeitada por todos, portanto procura zelar por isso. Enfatizou ser uma pessoa do bem, inclusive bem quista até pelas mulheres do lugar. Orientava suas “meninas” a não fazer algazarra e farrear pela cidade e o bom comportamento era uma regra que deveria ser obedecida à risca, pois tinha um nome a zelar¹². A conversa foi agradável, porém, sem muita fluidez, pois o meu informante estava presente. A tensão foi instalada, mas logo desfeita, quando a conversa se abriu em tom de elogio, enfatizei o fato de ela ser conhecida e bem falada na cidade, “quebrando o gelo”. Acredito que a presença do informante impediu outros ditos, outras falas que a só “intimidade” entre entrevistado e entrevistador poderia desvelar.

Toinha falou da sua devoção à Santa Cruz dos Milagres e dos milagres concedidos pela santa em sua vida, do zelo que tinha com os romeiros e o trato com as autoridades do lugar. Falou das dificuldades de chegar a Santa Cruz dos Milagres devido à falta de estrada e os benefícios da pavimentação desta para chegar à cidade. Enfatizou também a necessidade de depositar uma “esmola” para a santa e se despedir desta antes de ir embora. Acrescentou também que recebe a visita de muitos romeiros, e que estes hierarquizam a importância de cada lugar frequentado.

Só que eles falam sempre assim: primeiro a santa, segundo a Toinha do Casarão. Vamos para a igreja, vamos assistir à missa, vamos fazer tudo pela divina Santa Cruz, que é o que merecemos.

Ao término da entrevista, foi solicitado que ela tirasse uma fotografia do estabelecimento. Sugeri que a foto fosse feita por ela, pois o nosso contato naquele momento não permitiu o maior entrosamento e liberdade para explorar o local. Caso ela se recusasse, ficaria entendido que não queria exposição do seu estabelecimento. Surpreendentemente, a resposta foi positiva. Ela aceitou não só fotografar como também filmar. Compreendi a atitude dela como aceitação da minha presença, além da aceitação dela pelo povo do lugar.

¹¹ Autoridade aqui se referindo à igreja, prefeitura e polícia.

¹² Considerava seu espaço diferenciado dos outros bordéis, devido sua “proximidade com as autoridades locais” e cuidado ao cumprir as normas ditadas pela prefeitura e igreja.

Fotografia 1 – Ambiente interno do bordel Casarão, registrado pela dona do estabelecimento



Fonte: CARVALHO, J. M. (2012)

A visita a esses espaços possibilitou perceber como as relações entre as prostitutas, cafetinas, igreja,romeiros, prefeituras se estabeleciam, por outro lado, não foi possível aprofundar esta investigação por não ser o foco principal da minha pesquisa na época, mas parte do contexto global da festa. Tampouco não foi possível entrevistar romeiros que falassem dessa prática religiosa materializada no espaço sagrado. Por outro lado, foi possível perceber que na prática do romeiro a prostituta é parte do festejar a santa.

O “gargalhar”, o riso, foi a única resposta que obtive dos romeiros quando tentei ensaiar uma conversa sobre a procura de bordeis e prostituta no tempo da festa e romaria de santo por eles. Entretanto, a simbologia do gargalhar pode ser analisada no sentido da presença da prostituta como tabu no espaço sagrado, como impura, e a cumplicidade entre as instituições na aceitação destas tanto pelos romeiros como pelos poderes locais: igreja e prefeitura.

Van Gennep (2011) aponta que a proibição do ato sexual é comum em rituais sagrados. Entretanto, em locais em que o coito não implica nem impureza e nem perigo mágico-religioso, o tabu em questão não é levado em consideração. Por outro lado, acrescenta, que o coito sendo impuro, é um “poderoso” elemento inserido nas formas de deslocamento da noção de sagrado. “O sagrado, de fato, é um valor absoluto, mas um valor que indica situações respectivas” (VAN GENNEP, 2011).

Notei que no tempo da festa associada a romaria a prostituta é “cuidada”. Findada a festa, ela volta ao seu contexto profano, de liminar, em um contexto social, da invisibilidade social, onde é ignorada e desrespeitada. Observei as duas situações no campo. A primeira, enquanto trabalhadoras a serviço do sagrado, a prostituta é acariciada publicamente, “sem cerimônia”, por um romeiro e a segunda, quando ela é agredida verbalmente dentro do ônibus no retorno da festa para suas casas. A prostituta e o romeiro, que antes eram cúmplices de um trato sacrificial, no fim da festa, se tornam meros desconhecidos. A prostituta torna-se motivo de chacota e olhares recriminatórios.

Considerações finais

Entender os sentidos da presença da prostituta em romaria e festa de santos e o lugar que esta ocupa traduz também o que é ser romeiro em Santa Cruz dos Milagres. Entra nessa perspectiva o sentido de sagrado e profano que permeia a festa. Dessa forma, como defende Jonh Dewsey (2000), o que está na margem da margem tem que emergir como universo de significante que compõe a festa. O consumo de prostituta entra na relação sacrificial que promove esse encontro entre a divindade e o homem. Tudo que está na festa entra nesse circuito do sacrifício. “Mais é mais”. Nada fica de fora. Por isso que novas territorialidades são construídas e reconstruídas no tempo da festa.

O sagrado, portanto, emerge em diferentes contextos. Tanto na igreja, lugar oficial de sua residência, quanto na escadaria da cidade, no bordel, no bar, há um fluxo que se desdobra no sentido da experiência dos sujeitos no tempo da festa.

Referências

BALANDIER, Georges (1920). *A desordem: elogio do movimento*. Rio de Janeiro; Bertrand Brasil, 1997.

BITTER, Daniel. *A bandeira e a máscara: estudo sobre a circulação de objetos rituais nas folias de reis*. Tese (Doutorado em Ciências Humanas-Antropologia Cultural). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

BRANDIM, Sérgio Romualdo. *Religiosidade e cidade: o santuário de Santa Cruz dos Milagres-PI*. Disponível em: http://www.cepro.pi.gov.br/download/200806/CEPRO04_45985eb810.pdf>. Acesso em: 15 out. 2010.

_____. *Romeiro e fé: um estudo sobre o santuário de Santa Cruz dos Milagres*. Dissertação (Mestrado em História do Brasil). Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2007.

BRANDÃO. *O Divino: o santo e a senhora*. Rio de Janeiro: FUNARTE, 1978.

CAMPELO, Ací. *Soy Loco Por Ti*. Teresina: Companhia Editora do Piauí, 1997.

CARVALHO, Jucilaine Maria de Carvalho. *Exaltação do profano na festa do sagrado em Santa Cruz dos Milagres – PI*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2013.

DAWSEY, John Cowart. Nossa Senhora Aparecida e a mulher Lobisomen: Benjamin, Brecht e teatro dramático na antropologia. *Revista de Antropologia*. Florianópolis, v. 2, n.1, 2000, p. 85-103.

DOUGLAS, Mary. *Pureza e Perigo*. São Paulo: Perspectiva, 1976.

FERNANDES, Rubem Cesar. *Os cavaleiros de Bom Jesus*. São Paulo: Brasiliense. 1982.

MAUSS, Marcel. *Sociologia e antropologia*. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

_____; HUBERT, Henri. *Sobre o sacrifício*. São Paulo: Cosac&Naify, 2005.

MENDES, Pe. David. *Santuário da Santa Cruz dos Milagres: um pouco da sua história*. s/ed., s/d.

SANCHIS, Pierre. “*Arraial: A festa de um povo: romarias portuguesas*”. Lisboa: Dom Quixote, 1983.

SANTOS, Patrícia de Sousa. *Divina Santa Cruz: a construção da fé num território de poder*. Monografia. Universidade Federal do Piauí. Teresina, 2010. 157.

SÃO FELIX, *Livro do Tombo I*, Paróquia de São Félix da Cantalicia, 1968-1984.

SOUSA, Nayra Joseane e Silva. *Religiosidade e gênero na dramaturgia - “Os salvados”*. Trabalho apresentado no GT.04 Gênero e Subjetividades do I Encontro Nacional sobre Discurso, Identidade e Subjetividade (ENDIS), realizado de 27 a 29 de abril de 2016.

STEIL, Carlos Alberto. *O sertão das romarias: um estudo antropológico sobre o santuário de Bom Jesus da Lapa - Bahia*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

TURNER, Victor. *O processo ritual: estrutura e antiestrutura*. Petrópolis: Vozes, 1974.

VAN GENNEP, Arnold. *Os ritos de Passagem*. Petrópolis, Vozes, 2011.